

Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento?

Elisa Marchioro Stumpf¹

¹Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ CAPES

elisa.stumpf@gmail.com

Resumo. Neste trabalho, pretendemos fazer uma reflexão epistemológica sobre a relação entre dois dos maiores expoentes da lingüística moderna, a saber, Ferdinand de Saussure, considerado seu criador, e Émile Benveniste, um dos seus discípulos. Essa reflexão servirá de base para tentarmos responder à seguinte pergunta: Benveniste rompe com o paradigma iniciado por Saussure ou apenas ultrapassa-o em alguns pontos da teoria, conservando-o em outros? Partimos da idéia que Benveniste retorna a Saussure em uma tentativa de elaborar questões surgidas a partir de sua leitura da obra de Saussure (referimo-nos aqui ao Curso de Lingüística Geral). Para tanto, iniciaremos por uma reflexão sobre a constituição da lingüística como ciência. Como afirma Flores (1999), “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a lingüística se nomeia como Um”. Em um segundo momento, faremos uma exposição de alguns aspectos da obra de Benveniste que julgamos pertinentes para a reflexão, em especial a questão da significação, pois é na oposição semiótico/semântico que podemos encontrar um momento de ultrapassagem do pensamento de Benveniste em relação a Saussure. Nas palavras de Benveniste (2006, p. 67), “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único”. Como síntese, discutiremos possíveis interpretações da relação entre os autores em questão, com base em Normand (1996a, 1996b) e, por fim, mostraremos quais são as possibilidades de retorno à obra de Benveniste sobre as quais se detém as pesquisas atuais.

Abstract. In this article, we propose an epistemological reflexion on the relation between two of the greatest men in the field of modern linguistics: Ferdinand de Saussure, considered its creator and Émile Benveniste, one of his disciples. This reflexion helps us to answer the following question: does Benveniste break the paradigm initiated by Saussure or does he only advances his theory in some points, while conserving others? We believe that Benveniste returns to Saussure in order to develop points arising from his lecture of Saussure’s work (we refer here specifically to the Cours de Linguistique Générale). In order to do so, we begin with a discussion about the establishment of linguistics as a science. As affirmed by Flores (1999), “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a lingüística se nomeia como Um”. Secondly, we will explain some aspects of Benveniste’s work considered by us as relevant to our reflexion, specially in what comes to signification, for it is in the opposition between semiotic/semantic that we may find a moment where Benveniste advances Saussure’s theory. According to Benveniste (2006, p.67),

“é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único”. As a conclusion, we will discuss possible interpretations of the relation between the two authors, based on Normand (1996a, 1996b) and lastly we will try to show the possibilities of a return to Benveniste’s work on which current research is based.

Palavras-chave: Saussure; Benveniste; enunciação

1. Saussure: a lingüística como ciência

Dar início a essa reflexão exige que voltemos ao início do século XX, quando podemos encontrar as formulações de Ferdinand de Saussure, lingüista suíço cujas reflexões serviram de base para a constituição da lingüística como a conhecemos hoje, ou seja, como uma ciência.

Flores (1999), ao refletir sobre os pressupostos que constituíram a lingüística, mostra a importância da circunscrição do objeto e do método para que a lingüística pudesse se estabelecer. A dificuldade em determinar o objeto explica-se pelo fato de que a lingüística mantém uma relação muito próxima com outras ciências. A consequência disso é que o objeto não preexiste ao ponto de vista teórico, mas sim é criado por ele, daí a famosa asserção de Saussure de que “é o ponto de vista que cria o objeto” (1975, p. 15), ponto de vista que é naturalmente excludente. Ao conceituar a linguagem, Saussure mostra que não há como a lingüística abordar de forma integral esse objeto multiforme e heteróclito (para usar uma caracterização famosa atribuída por Saussure), dada sua complexidade e sua relação com outras áreas do conhecimento. Assim, Saussure toma como norma de todas as manifestações da linguagem a língua, excluindo a fala e, com ela, uma série de questões. Ao separar língua da fala, separa-se, de acordo com Gadet (1987, p. 77), o que é social do que é individual; essencial de acessório e mais ou menos acidental; um registro passivo de um ato de vontade e inteligência; um modelo coletivo de um modelo não coletivo. Para Flores (1999, p. 26) “a língua, definida como um sistema de signos, é o ponto de partida para Saussure – e sobre o qual a lingüística se nomeia como Um”. Definido o objeto, o método consistirá em descrever esse sistema de signos nas suas relações internas. Assim, “a lingüística reclama o estatuto de ciência justamente porque, dados método e objeto, todas as operações científicas derivam do princípio da língua como sistema de signo” (FLORES, 1999, p. 28).

A leitura que se faz do Curso de Lingüística Geral, obra póstuma escrita a partir dos cadernos de alunos de Saussure, principalmente uma leitura estruturalista, é feita de maneira homogeneizante, concentrando-se nas dualidades opostas (língua/fala, paradigma/sintagma, diacronia/sincronia) e deixando de lado o que mais tarde, com o aparecimento dos manuscritos de Saussure e da publicação dos próprios cadernos dos alunos, reconhece-se como um esboço de um sistema de pensamento não acabado. De acordo com Bouquet (2004, p. 14), pode-se encontrar, nas reflexões de Saussure, três configurações distintas de pensamento: a) uma epistemologia da gramática comparada; b) uma reflexão filosófica sobre a linguagem (filosófica entendida aqui como metafísica) e c) uma epistemologia programática da lingüística, ou seja, “uma projeção sustentada [...] quanto à cientificidade de uma disciplina futura”.

Podemos pensar que Benveniste, mesmo tendo acesso apenas ao Curso de Lingüística Geral, soube lê-lo com uma sensibilidade que o fez perceber a inovação e a singularidade do pensamento saussuriano, o que “permite resgatar a partir de Saussure uma lingüística da significação” (NORMAND, 2007, p. 14), visão deixada de lado por uma leitura estruturalista do CLG. Tentaremos, abaixo, mostrar como ele resgata essa lingüística e a desenvolve na sua originalidade.

2. Benveniste

quando Saussure introduziu a idéia de signo lingüístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante. (BENVENISTE, 2006, p. 224)

é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua (BENVENISTE, 2006, p. 67)

As duas citações acima, tiradas respectivamente dos textos *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *Semiologia da língua* (1969) atestam a maneira como Benveniste relacionava-se com a tradição de ensinamentos cujo maior expoente é Ferdinand de Saussure. Ambas têm a mesma preocupação com o signo lingüístico, mas estão inseridas em artigos que tratam da problemática mais ampla da significação¹. Normand (1996b, p. 137) indica que é “pelo desenvolvimento do que no *Curso* é um elemento central mas insuficientemente elaborado, a questão da significação, abordada principalmente de forma negativa pela exclusão do referente” que Saussure deve ser ultrapassado. A significação, uma questão cara para Benveniste, será tratada como um problema lingüístico que exige novos conceitos e que modifica o método de descrição (NORMAND, 1996a, p. 223) a partir de 1964 (no texto *Os níveis da análise lingüística*) com a consideração da especificidade da frase, o que o leva também a trazer a referência. A noção de referência, por sua vez, é reformulada ao longo de sua obra de maneira a abarcar toda a situação de comunicação, ou seja, a própria enunciação. Essas operações culminam no tratamento da significação a partir do desdobramento das dimensões semiótica e semântica.

2.1. Referência e significação

A abordagem da significação, desdobrada em dois domínios de estudo da língua (o semiótico e o semântico) começa a ser reformulada em *Os níveis da análise lingüística* (1964) e está relacionada, de acordo com Normand (1996a, p. 226), com a consideração da frase e da referência. Nesse texto, Benveniste (2006, p. 130) propõe o sentido como critério para a segmentação das unidades em níveis: “o sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status lingüístico”. Na análise dos signos, que coincidem nesse caso com as palavras, a operação não é problemática: “a palavra [...] decompõe-se em unidades fonemáticas que

¹ Benveniste dedica um artigo, intitulado *Natureza do signo lingüístico* (1939) para oferecer uma nova leitura do caráter arbitrário do signo.

são de nível inferior; por outro entra, a título de unidade significante e com outras unidades significantes, uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2006, p. 131). Essa relação entre os níveis permite dar conta da relação forma: sentido, que devem definir-se um pelo outro e articular-se juntos. Benveniste (2006, p. 135-136) então propõe definir a forma de uma unidade lingüística como “sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (constituente) e sentido de uma unidade lingüística como a “capacidade de integrar uma unidade de nível superior”.

Ainda sobre a relação entre os níveis, o autor chama a atenção para a passagem das palavras para a sua unidade de nível superior, as frases, pois se as frases realizam-se em palavras, as palavras não são seus segmentos. A frase comporta constituintes e podemos segmentá-la, mas não se pode integrá-la em nenhuma unidade mais alta. Benveniste indica que com a frase, entra-se em um novo domínio. Ele então formula: “a frase [...] é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 39). A particularidade da frase consiste no fato de ela trazer sentido e referência, distinção que Benveniste faz ao tratar da questão do sentido quando ainda da discussão forma: sentido.

Ao tratar do sentido, Benveniste distingue dois aspectos. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que o sentido de uma unidade é o próprio fato de que ela tem um sentido. Nas palavras de Benveniste (2006, p. 137)

quando se diz que determinado elemento da língua [...] tem um sentido, entende-se uma propriedade que esse elemento possui, enquanto significante, de constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos. Esse “sentido” é implícito, inerente ao sistema lingüístico e às suas partes.

Uma segunda questão poderia ser colocada: qual é o seu sentido? Aí, deve-se também considerar que

a linguagem refere-se ao mundo dos objetos [...] sob a forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob a forma de unidades inferiores que se relacionam com “objetos” gerais ou particulares [...]. Cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um referendium”. (BENVENISTE, 2006, p. 37)

Assim, através dessa distinção, Benveniste (2006, p. 140) diferencia sentido de designação. E é na frase onde encontramos sentido e referência: “sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação [...], sem a qual a comunicação como tal não se opera.

Como Benveniste trata da questão da referência? Embora ele não formule essa pergunta, Normand (1996a, p. 230) indica que ele a respondeu em suas análises, levando em conta as marcas particulares de enunciação de um sujeito na língua. Benveniste inicia sua reflexão e análise em 1956 com o texto *A natureza dos pronomes*, no qual ele distingue os “signos vazios, não referenciais com relação à ‘realidade’, sempre disponíveis, e que se tornam ‘plenos’ assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 280), como os pronomes pessoais eu, tu, os

advérbios aqui e agora; de signos que se referissem à realidade e a posições objetivas. Nos indicadores de pessoa, sentido e referência não são distintos. Assim, de acordo com Normand (1996a, p. 231), “la particularité référentielle des indicateurs de la personne ainsi mise en évidence consiste en ce que sens et référence ne sont pas distingués”. Inicialmente, o fenômeno da referência é tratado apenas no que diz respeito aos casos acima, denominados de *sui-referência* e diferenciados do repertório de signos cujo estatuto é permanente. Tais elementos poderiam ser abordados através da divisão semiótico/semântico, sistematizada em 1969 no texto *A semiologia da língua*.

Em *A semiologia da língua* (1969), Benveniste sintetiza as posições de Peirce e Saussure a respeito dos signos, de seus sistemas e do estatuto de uma futura ciência que se ocuparia deles. Se Peirce não formula nada de específico em relação à língua, o pensamento de Saussure procede da língua e a toma como objeto exclusivo (BENVENISTE, 2006, p. 45), sendo o signo uma noção lingüística (BENVENISTE, 2006, p. 49). Benveniste chama atenção para o fato de que, de todos os sistemas semióticos, a língua é o único capaz de interpretar os outros e também a própria sociedade². Essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema. Benveniste (2006, p. 64, 65) formula essa peculiaridade como uma dupla significância, ou seja, dois modos distintos de significação: o semiótico e o semântico.

O semiótico diz respeito ao modo de significação do signo lingüístico e que o constitui como unidade, considerado em relação aos demais signos. O estudo semiótico deve identificar as unidades, descrever suas marcas distintivas, descobrindo os critérios sutis da distintividade. O que garante existência de um signo é seu reconhecimento como significante por uma comunidade lingüística.

Já o modo semântico diz respeito ao modo específico de significância engendrado pelo discurso, a língua na sua função de produtora de mensagens. O sentido é concebido globalmente e se divide em signos particulares (BENVENISTE, 2006, p. 65). O modo semântico traz o conjunto dos referentes e se relaciona com o universo do discurso.

Para Normand, a análise dos termos considerados “objetivos” dependeria de ambos os modos de significação e, através do modo semântico, trata-se a referência. Entretanto, Normand (1996a, p. 235) ressalta que

dans la mesure où l'énonciation, c'est à dire 'l'acte même de produire un énoncé' est 'le fait du locuteur qui mobilise la langue pour son compte', la distinction entre la *sui-référence*, unique et évanouissante dans chaque acte d'énonciation, et la *référence* aux termes 'qui ont leur statu plein et permanent' ne peut plus tenir; tout rapport à la *référence*, dans la langue mise en emploi, dépend de la *sui-référence*; la *référence* ne concerne que la situation chaque fois unique du locuteur.

É assim que, ao definir enunciação, a distinção entre referência e *sui-referência* cai, pois toda relação à referência depende da *sui-referência*; a referência diz respeito, então, à situação cada vez única do locutor.

² Tema do artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968).

Benveniste, em *A forma e o sentido na linguagem* (1966), trata do problema da significação afirmando que é uma propriedade natural da linguagem e define os dois modos de significância da língua já vistos anteriormente, o semiótico e o semântico. Após discutir a noção de signo para Saussure, Benveniste coloca o estudo dos signos no plano semiótico e novamente afirma que a frase é um mundo distinto, exigindo outro modo para descrição. Como afirmaria em 1969, Saussure ignorou que “o signo corresponde às unidades significantes da língua e não se pode erigi-lo em princípio único da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 66) e que do signo à frase não há transição. Se “há para a língua duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (BENVENISTE, 2006, p. 229), o signo e a frase, Benveniste então propõe esse novo modo, o semântico, para dar conta da língua em ação, “a língua na sua função mediadora entre o homem e o homem, o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas” (2006, p. 229). Esse modo semiótico resulta de uma atividade do locutor de se apropriar da língua, ou seja, o próprio ato de enunciação. Nesse ponto, Benveniste (2006, p. 231) deixa clara a inclusão da referência, explicando que “se o ‘sentido’ da frase é a idéia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso”.

2.1. O sujeito na enunciação e o aparelho formal da enunciação

Qual seria o novo modo de descrição que pudesse dar conta das particularidades da dimensão semântica da língua? Devemos considerar que, além de trazer a referência, a dimensão semântica trata da própria língua colocada em uso por um locutor, ou seja, aí encontramos um sujeito, outra questão problemática para a lingüística desde uma leitura estruturalista do Curso de Lingüística Geral segundo a qual o sujeito se encontraria na fala e esta não constitui objeto de estudo da lingüística. Porém, para Benveniste, a dimensão semântica é uma propriedade da língua e traz consigo esse sujeito que dela se apropria para enunciar. Assim, se para o modo semiótico o arcabouço teórico do pensamento saussuriano sobre signo serve, para o modo semântico deve-se criar um novo aparelho. Podemos pensar que esse novo aparelho se ocupa das marcas de enunciação no enunciado: marcas lingüísticas de sujeito, tempo, pessoa, etc. Em *O aparelho formal da enunciação* (1970), Benveniste dá-nos uma indicação metodológica desse novo tipo de descrição.

Benveniste define a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2006, p. 82). Sua condição específica é “o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado” (2006, p. 82), ato este que é tomado como objeto. O estudo desse processo pode ser abordado sob três aspectos: a) como realização vocal da língua; b) o mecanismo dessa produção, procurando entender como o sentido se forma em palavras, ou seja, a semantização da língua e c) a definição da enunciação no quadro formal da sua realização. Ao eleger esse aspecto, Benveniste (2006, p. 83) pretende “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza”.

Para fins metodológicos, na enunciação considera-se sucessivamente: a) o próprio ato; as situações em que ele se realiza e c) os instrumentos de sua realização. “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” e “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 83-84). O locutor se apropria do aparelho formal da língua e se enuncia através de

índices específicos, constituindo assim, um centro de referência interno em cada instância de discurso. Primeiramente, destacam-se os índices de pessoa (eu-tu) que se instaura somente na e pela enunciação; índices de ostensão (este, aqui) e indivíduos lingüísticos (pronomes pessoais e demonstrativos) e as formas temporais, cujo paradigma completo se determina em relação a EGO, que é o centro da enunciação.

É através dessa metodologia que se pode estudar as marcas da enunciação no enunciado, as marcas do homem na língua, como indica o próprio título da quinta parte do *Problemas de Lingüística Geral I e II*. Qual é o estatuto desse sujeito que se marca na língua? Normand (1996b, p. 145) problematiza: “seu problema era, explicitamente, a significação; mas ele encontrava, necessariamente, o sujeito que fala e dá (ou pensa dar) sentido. Como lhe dar lugar com todo rigor”? Em 1969 Benveniste elimina-o do modo semiótico para introduzi-lo no semântico, mas era ainda uma mistura vaga de sujeito gramatical, psicológico, filosófico. Já no texto final de 1970 sobre a enunciação, os indivíduos lingüísticos só podem ser encontrados nas duas dimensões. Normand (1996b, p. 147) conclui: “a teoria da enunciação implica, pois, um sujeito, mas não faz a teoria deste”. Nesse sentido, é significativa a ausência, na obra de Benveniste, do termo “sujeito da enunciação”, ausência que marca o caráter inacabado da obra de Benveniste.

Em texto discutindo qual a semântica que se encontra em Benveniste, Normand (1996a, p. 237) defende que “la sémantique que Benveniste annonce est une sémantique de la personne dans son rapport au monde, de ce sujet que, très vite on a appelé sujet de l'énonciation”. A autora traz as palavras de Milner, que afirma a demonstração sintática da obra de Benveniste “retrouve les effets d'une instance em elle-même non formalisable et non représentable : le sujet de l'énonciation”. (MILNER, 1978, p. 26, apud NORMAND, 1996a, p. 237).

Ou seja: na teoria de Benveniste, é na e pela língua, através da enunciação, que o homem se faz. A língua enquanto estrutura comporta marcas para que o sujeito se inscreva na sua singularidade, visto que o ato da enunciação é cada vez único e irrepetível.

3. Saussure - Benveniste

Através desse trajeto intra-teórico pela da obra de Benveniste, ancorado nas reflexões de Claudine Normand, procuramos mostrar que é através de minuciosas e, por vezes, hesitantes, elaborações que Benveniste esclarece e desenvolve alguns pontos ainda obscuros da obra de Saussure, ao mesmo tempo em que cria sua reflexão singular sobre a questão da significação. O percurso foi traçado a partir da idéia de que

longe de desfazer as oposições saussurianas, ele as complica, as reformula, constrói outras, de maneira a retomar o que foi primeiro excluído, o referente e o sujeito, passo necessário se se leva a sério o fato de que numa frase alguém fala de alguma coisa para alguém. (NORMAND, 1996b, p. 139)

Com base na reflexão acima, concordamos com Normand (1996b) quando afirma que Benveniste continua Saussure para ultrapassá-lo. Assim, além da consideração da frase na sua particularidade, o que leva Benveniste a incluir o referente e o sujeito, é mantida a definição saussuriana de língua como sistema de signos, porém Benveniste se dá conta da insuficiência dessa definição para explicar os próprios fatos que o intrigam; a

reformulação da significância da língua é vista em duas dimensões, a semiótica, que mantém a idéia de língua como sistema de signos, é incluída a dimensão semântica, que procura dar conta da língua em uso. Devemos ressaltar aqui que ambas as dimensões dizem respeito à língua: não se deve incorrer no erro de identificar a dimensão semântica ao domínio da fala em Saussure.

4. Retorno a Benveniste

Por fim, indagamo-nos sobre quais as possibilidades de retorno à obra de Benveniste. Como Normand (1996b) indicou acima a respeito da ausência do termo “sujeito da enunciação”, a obra de Benveniste é resultado de reflexões elaboradas ao longo de um período de tempo que começa com os textos de 1956 e tem um fim abrupto em 1970, restando uma obra inacabada. Mas, percorrendo os textos, é possível encontrar momentos nos quais Benveniste indica-nos pontos da teoria que podem ser estudados. Destacamos abaixo alguns deles, sem a pretensão de esgotá-los.

Em *A semiologia da língua* (1969), ao mesmo tempo em que Benveniste propõe os modos semiótico e semântico, desenvolvidos em alguns textos, Benveniste (2006, p. 67) também indica que um dos pontos de ultrapassagem da teoria saussuriana dar-se-ia através de uma “análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemantica que se construirá sobre a semântica da enunciação”. Junto com a análise intralingüística, desdobrada nos modos semiótico e semântico, “esta será uma semiologia de ‘segunda geração’, cujos instrumentos e o método poderão concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral”. Sobre esse ponto, é interessante trazer a contribuição de Normand (1996a, p. 228 – 229)

il partage cependant avec ses contemporains sémioticiens l’ambition de décrire la globalité du monde social en termes de système de signes, s’autorisant ainsi de la ‘science’ linguistique pour un projet philosophique.

Outro ponto que está sendo elaborado é a questão do sujeito, pois, como visto antes, Benveniste não se preocupou em teorizar sobre seu estatuto em sua obra. Tais pesquisas podem ser creditadas, como afirma Flores (2007), ao fato de que freqüentemente se atribui a Benveniste a inclusão do sujeito nos estudos da linguagem, o que parece ser uma afirmação neutra diante de outras que o acusam de formulações sobre um sujeito dono de si e origem do sentido. O desenvolvimento dessas pesquisas podem ajudar a esclarecer o pensamento benvenistiano ao mesmo tempo em que se propõe algo que não se encontra na teoria da enunciação como concebida por seu criador, mas cujas reflexões ao longo da sua obra permitem inferir. Destaca-se, entre os pesquisadores brasileiros, Valdir Flores, cujos trabalhos recentes teorizam sobre o estatuto do sujeito na teoria da enunciação, afirmando que “o sujeito, independentemente da configuração que tenha, transcende os quadros da lingüística; para estudá-lo é necessário convocar exteriores teóricos à lingüística” (2007, grifos do autor).

A obra de Benveniste pode ser caracterizada, nos termos de Normand (1996b, p. 131), como uma “síntese felizmente infeliz”, pois talvez seja justamente sua incompletude que permite encontrar nela possibilidades de se pensar a língua, a enunciação e o sujeito que nelas se encontra.

5. Referencias e Citações

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FLORES, V. N. *Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado? Exterioridade e interioridade teórica no campo da lingüística da enunciação*. Pelotas: UCPel, 2007 (no prelo).

FLORES, V. N. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris : PUF, 1987.

NORMAND, Cl. Émile Benveniste : quelle sémantique ? *LINX*. Du dire et du discours: Hommage à Denise Maldidier. 1996a.

NORMAND C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.L.; PARLATO, E.M.; RABELLO, S. (orgs.) *O Falar da Linguagem* (Série linguagem). São Paulo: Lovise, 1996b. p 127-152.

NORMAND, C. Saussure-Benveniste. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera Lúcia. (Org.). *Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos.*, Santa Maria/RS: PPGL Editores, 2007, v. 33, p. 161-182.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.